

## Discurso do medo e ódio político na disputa eleitoral brasileira de 2014

Vanderlei de Castro Ezequiel<sup>1</sup>

**Resumo:** O objetivo deste trabalho foi analisar a presença do discurso do medo na mídia durante a disputa eleitoral brasileira em 2014. Foram selecionadas sequências discursivas de texto publicado no blog de um colunista da revista Veja, e analisado o discurso do medo presente no texto. Em seguida, analisou-se o discurso do ódio presente nos comentários dos leitores postados no blog. A principal orientação teórico-metodológica é a Análise de Discurso (Charaudeau). O estudo sobre o medo e o ódio é apoiado, principalmente, nos autores Delumeau e Mira y López. As relações entre mídia, eleição e medo são abordadas a partir de Vera Chaia. As teses da Sociedade do Espetáculo (Debord) conduzem a análise crítica do discurso político presente no corpus. Concluiu-se que, o discurso do medo presente no texto analisado possui íntima ligação com as manifestações de ódio político postadas no blog. Nesse sentido, radicaliza-se, espetacularizando o debate político eleitoral.

98

---

**Palavras-chaves:** Discurso Político. Mídia. Medo. Ódio. Espetacularização.

---

<sup>1</sup> Mestre pela Faculdade Cásper Líbero (SP).

**Abstract:** The objective of this study was to analyze the fear speech media presence during the Brazilian electoral contest in 2014. Discursive sequences were selected text published on the blog of a columnist of *Veja* magazine, and analyzed the discourse of fear present in the text. Then analyzed the speech of hatred in this readers' comments posted on the blog. The main theoretical and methodological orientation is the Discourse Analysis (Charaudeau). The study of fear and hatred is supported mainly on the authors Delumeau and Mira y Lopez. Relations between media, election and fear are addressed from Vera Chaia. The theses of the Show Society (Debord) lead to critical analysis of political discourse in this corpus. It was concluded that the discourse of fear present in the analyzed text has close ties to the political expressions of hatred posted on the blog. In this sense, it radicalized, spectacularizing the electoral political debate.

99

---

**Keywords:** Political Discourse. Media. Fear. Hate. Spectacularization.

## Introdução

Em períodos de intensa disputa política – como as campanhas eleitorais –, em que o ambiente social exhibe o acirramento de posições ideológicas, faz-se necessária a investigação científica – objetiva e sistemática – da natureza humana e sua apropriação pelo discurso político. Dentre as emoções primárias estimuladas durante as campanhas eleitorais estão o medo e o ódio.

Especializada modalidade de o organismo reelaborar as informações e enfrentar a realidade, como afirma a psicóloga Maria Rita Ciceri, o medo é “Um autêntico ‘sistema defensivo’, que medeia nossa ação sobre o mundo, tornando-a mais segura e eficaz” (2004, p. 8). Para a psicanalista Maria Rita Kehl, o medo é um sentimento vital que protege o indivíduo dos riscos da morte, “O medo pode ser provocado pela percepção de nossa insignificância perante o universo, da fugacidade da vida, das vastas zonas sombrias do desconhecido” (2007, p. 89). O medo, segundo a filósofa Marilena Chauí (2009), é uma paixão humana que, articulada a outras paixões, forma um “sistema do medo” que determina a maneira de sentir e de pensar de todos que a ele são submetidos. Já o sociólogo Zygmunt Bauman afirma que “O medo é um sentimento conhecido de toda criatura viva” (2006, p. 9). Enquanto Adauto Novaes, jornalista, descreve o medo como “um sentimento negativo *presente* causado pela ideia de um sentimento negativo *futuro* ou *potencial*” (2007, p. 20). Assim, o medo conteria algo de incerto, um desconforto em relação ao que pode vir a causar sofrimento.

Em todas as suas dimensões, o medo exerce um papel essencial na diversidade de jogos relacionais que caracterizam nossas trocas cotidianas. Para administrar essa complexa rede de interações, nas quais o *outro* pode assumir o papel de invasor, de perturbador, predador, o indivíduo necessita recorrer a autênticas estratégias de criatividade cognitiva, inventando formas socialmente aceitáveis de defesa e autoproteção.

Tão ancestral quanto o medo, a Ira é uma paixão humana capaz de subjugar o indivíduo, determinando sua maneira de sentir e de reagir aos estímulos externos, reais ou não. A Ira tem um caráter impulsional e manifesta-se pela ação ofensiva-destrutiva, buscando a anulação do objeto que a excita.

Não raro, a estratégia de atacar a imagem de adversários políticos, utilizando o discurso do medo acaba incentivando manifestações de intolerância e ódio. Nesse sentido, a mídia possui responsabilidade nada desprezível na

construção de narrativas que “explicam” os fatos da campanha eleitoral e, portanto, na elaboração de percepções e consensos sobre a política brasileira.

O objetivo deste trabalho é analisar a participação da mídia no debate político eleitoral brasileiro. Especificamente, este trabalho pretende expor a participação ativa da mídia na divulgação do discurso do medo, e sua íntima ligação com as manifestações de ódio durante as eleições de 2014. Serão selecionadas sequências discursivas – extraídas de texto publicado no blog de um colunista da revista *Veja* – contendo o discurso do medo. Em seguida, será realizada análise do discurso do ódio presente nos comentários dos leitores postados no blog.

A principal orientação teórico-metodológica deste trabalho é a Análise de Discurso de linha francesa, entendendo o discurso político (Charaudeau) como enunciação de uma época, ou seja, um conjunto de enunciados, ou sequências discursivas, que permite identificar os ditos – modos de ver e dizer – em um dado contexto sócio-histórico. O estudo sobre o medo e o ódio será apoiado, principalmente, nos autores Delumeau e Mira y López. As relações entre mídia, eleição e discurso do medo serão abordadas a partir de Vera Chaia. As teses da Sociedade do Espetáculo (Debord) conduzem a análise crítica do discurso político presente no *corpus*.

### **Análise de discurso**

Parte-se do princípio, como afirma Eni Puccinelli Orlandi, que a Análise de Discurso (doravante AD) tem como propósito “a compreensão de como um objeto simbólico produz sentidos, como ele está investido de significância para e por sujeitos”. Essa compreensão, ainda segundo a autora, “implica em explicitar como o texto organiza os gestos de interpretação que relacionam sujeito e sentido. Produzem-se assim novas práticas de leitura” (2010, p. 26-27). Para Orlandi, os dizeres não são apenas mensagens passíveis de decodificação, mas efeitos de sentidos produzidos em condições determinadas, e que deixa vestígios no modo como se diz,

São pistas que ele aprende a seguir para compreender os sentidos aí produzidos, pondo em relação o dizer com sua exterioridade, suas condições de produção. Esses sentidos têm a ver com o que é dito ali, mas também em outros lugares, assim como com o que não é dito, e com o que poderia ser dito e não foi. Desse modo, as margens do dizer, do texto, também fazem parte dele (2010, p. 30).

A constituição dos sentidos e dos sujeitos se dá em processos, onde coexistem os jogos simbólicos – o que não temos o controle – e o equívoco, por meio do trabalho da ideologia e do inconsciente. Dessa maneira, pode-se afirmar que as visões de mundo se materializam na linguagem em suas diferentes manifestações: a verbal, a visual, a gestual, etc. A maneira de pensar o mundo, numa dada época, subordina-se aos temas e figuras estabelecidos por essas visões de mundo. Assim, a maior parte dos discursos<sup>2</sup> produzidos numa formação social<sup>3</sup> concreta repete esses temas e figuras. Com relação à formação discursiva<sup>4</sup>, Fiorin afirma que,

Temos, então, que considerar a formação ideológica como uma visão de mundo, ou seja, o ponto de vista de uma classe presente numa determinada formação social, e a formação discursiva como o conjunto de temas e figuras que materializam uma dada formação ideológica. (1988, p. 14).

Entende-se que o texto é também um lugar de manipulação consciente, onde o sujeito falante organiza recursos de expressão para veicular, da melhor maneira possível, determinados discursos. O sujeito de uma dada formação social tem na formação discursiva a matéria-prima para elaborar seus discursos. No geral, ele reproduz em seus discursos as figuras e os temas presentes nos discursos dominantes de uma dada época, num determinado espaço geográfico. Entende-se, então, que “O enunciador real sempre vocaliza as formações ideológicas existentes na formação social em que vive” (FIORIN, 1988, p. 16).

Embora seja depositário de várias Formações Discursivas (FD) presentes numa formação social concreta – dividida em classes sociais distintas – o enunciador, sendo um ser social, geralmente é suporte apenas da formação

<sup>2</sup> Discurso: é o efeito de sentido construído no processo de interlocução (opõe-se à concepção de língua como mera transmissão de informação) (Brandão, 2004, p. 106).

<sup>3</sup> Formação social: caracteriza-se por um estado determinado de relações entre classes que compõem uma comunidade em um determinado momento de sua história. Estas relações estão assentadas em práticas exigidas pelo modo de produção que domina a formação social. A essas relações correspondem posições políticas e ideológicas que mantêm entre si laços de aliança, de antagonismo ou de dominação (Brandão, 2004, p. 107).

<sup>4</sup> Formação discursiva: conjunto de enunciados marcados pelas mesmas regularidades, pelas mesmas “regras de formação”. A formação discursiva se define pela sua relação com a formação ideológica, isto é, os textos que fazem parte de uma formação discursiva remetem a uma mesma formação ideológica. A formação discursiva determina “o que pode e deve ser dito” a partir de um lugar social historicamente determinado. Um mesmo texto pode aparecer em formações discursivas diferentes, acarretando, com isso, variações de sentido (Brandão, 2004, p. 106-107).

discursiva dominante, que materializa a formação ideológica<sup>5</sup> dominante. Não interessa à AD, dessa forma, saber se o enunciador real está ocultando ou revelando, com o discurso, sua posição de classe, pois a análise do discurso não é investigação policial. O foco de interesse da análise é pela ideologia que o enunciador, inscrito no interior do discurso, transmite.

Por mais inocente que possa parecer qualquer enunciado pode ter um sentido político. De qualquer maneira, como ato de comunicação, o discurso político está mais relacionado aos atores que participam da cena política. Verdadeiro campo de batalha em que se trava uma guerra simbólica, a política visa estabelecer relações de dominação ou pactos de convenção. O discurso político objetiva, assim, influenciar as opiniões a fim de obter adesões às propostas que defende, ou rejeições aos projetos adversários.

O discurso político não esgota, de forma alguma, todo o conceito político, mas não há política sem discurso. Este é constitutivo daquela. A linguagem é o que motiva a ação, a orienta e lhe dá sentido. A política depende da ação e se inscreve constitutivamente nas relações de influência social, e a linguagem, em virtude do fenômeno de circulação dos discursos, é o que permite que se constituam espaços de discussão, de persuasão e de sedução nos quais se elaboram o pensamento e a ação políticos. A ação política e o discurso político estão indissociavelmente ligados, o que justifica pelo mesmo raciocínio o estudo político pelo discurso (CHARADEAU, 2011, p. 39).

Importante lembrar que o discurso não é o lugar da liberdade e da criação. Dessa forma, as formações discursivas determinam o que o indivíduo fala. Evidentemente, existe a possibilidade de o sujeito constituir discursos críticos – diferentes dos discursos dominantes –, visto que o discurso crítico não surge do nada, antes, já está previsto numa formação social.

---

<sup>5</sup> Formação ideológica: é constituída por um conjunto complexo de atitudes e representações que não são nem individuais, nem universais, mas dizem respeito, mais ou menos diretamente, às posições de classe em conflito umas com as outras (Harouche et al). Cada formação ideológica pode compreender várias formações discursivas interligadas (Brandão, 204, p. 107).

### **Gigante negro: origem e manifestação do medo**

De acordo com o psiquiatra Emilio Mira y López, existem três emoções primárias, “nas quais se encontra toda a gama de reflexos e reflexos de fuga, agressão e fusão possessiva” (1996, p. 6). Essas emoções são conhecidas como Medo, Ira e Afeto (ou Amor) ou, como se refere metaforicamente o autor, respectivamente: gigante negro, gigante rubro e gigante rosa.

No estado primitivo, o homem “selvagem” – Homo Natura – move-se principalmente por impulsos de preservação e de expansão do seu ser. São complexos dispositivos defensivo-ofensivos e também de procriação, reconhecidos como instintos de conservação e de reprodução, revelando-se “primeiro sob a forma de leves ‘desejos’, depois, de claras ‘ânsias’ e, mais tarde, se não são a tempo satisfeitos, de imperiosas e incontidas ‘necessidades’ de fuga, de ataque ou de posse” (MIRA Y LÓPEZ, 1996, p. 5).

O medo representa uma emoção extraordinariamente complexa, pois acha-se integrado pela combinação de vários processos que foram surgindo ao longo da evolução biológica. Pode ser definido como um estado, não da mente, mas do sistema neuroendócrino, constituindo uma raiz biológica primitiva do fenômeno emocional,

Por isso, em qualquer protozoário podemos surpreender a inatividade (cessação de atividades) em resposta ao impacto excitante, em um vertebrado já somos capazes de notar essa mesma inatividade em previsão do possível ou provável dano. E isto – acuse-se ou não em forma subjetiva – é propriamente o Medo (MIRA Y LÓPEZ, 1996, p. 10-11).

Para Mira y López, o surgimento do gigante negro confunde-se com a própria origem da vida. A evolução biológica preparou o sistema nervoso humano para que a ocorrência de um forte medo preceda qualquer outra emoção na mente e no corpo. Maria Rita Ciceri confirma: “O medo é nossa emoção mais antiga” (2004, p. 11-12).

Inerente à natureza humana, constituindo-se numa defesa essencial contra os perigos, o medo é indispensável reflexo que auxilia ao organismo escapar provisoriamente à morte: sem ele, nenhuma espécie teria sobrevivido. Para Delumeau, o termo medo, no sentido estrito (individual):

[...] é uma emoção-choque, frequentemente precedida de surpresa, provocada pela tomada de consciência de um perigo presente e

urgente que ameaça, cremos nós, nossa conservação. Colocado em estado de alerta, o hipotálamo reage mediante mobilização global do organismo, que desencadeia diversos tipos de comportamentos somáticos e provoca sobretudo modificações endócrinas (2009, p. 30).

Dessa forma, compartilhamos com os animais o chamado “medo original”, o medo da morte. Um medo inato, endêmico, graças ao instinto de sobrevivência programado em todas espécies no curso da evolução. Delumeau entende que o medo da morte é o medo fundamental: “Todos os medos contêm, em graus diferentes, essa apreensão fundamental; e, portanto, o medo não desaparecerá da condição humana ao longo de nossa peregrinação terrestre” (2007, p. 41). Entretanto, somente os seres humanos, afirma Bauman, convivem com a consciência da inevitabilidade da morte: “e assim também enfrentamos a apavorante tarefa de sobreviver à aquisição desse conhecimento – a tarefa de viver com o pavor da inevitabilidade da morte e apesar dele” (2006, p. 10). Maria Rita Kehl complementa:

O homem pode localizar as razões de seu medo pelo uso da linguagem: o acesso ao simbólico torna a morte pensável (embora nunca totalmente simbolizável). O medo, entre os humanos, pode resultar de uma operação simbólica (2007, p. 93).

Dentre os estímulos, objetos ou “agentes” do medo existem aqueles fatores motivantes que, por seu caráter de máxima difusão em grandes círculos culturais e sua persistência através do tempo devem ser considerados como principais estímulos fobígenos, Mira y López (1996) destaca: os cataclismos naturais; a dor; os sofrimentos morais; a morte; as enfermidades; a solidão; a vida; os instintos; a guerra; a revolução, sendo esta última mais temível que a guerra, pois nesta sabemos onde está o inimigo, enquanto na revolução ninguém pode prever de onde partirá o golpe: do vizinho, do amigo, do irmão.

Existem também os estímulos que causam medo e surgem com a interação social, resultante da evolução humana. No convívio em sociedade surge a necessidade de estar-se preparado para enfrentar os sustos perante qualquer estímulo intenso ou novo, oriundo da interação social.

Além do “medo original”, o medo da morte natural a todas as espécies, o ser humano conhece ainda o chamado “medo secundário”. Constituído social e culturalmente, esse medo “derivado” orienta o comportamento humano,

reformando sua percepção do mundo e as expectativas que orientam suas escolhas comportamentais, mesmo na ausência de uma ameaça imediatamente presente. Bauman considera o medo secundário como um “rastros” de uma experiência de enfrentamento de ameaça real, direta, vivida pelo indivíduo, “um resquício que sobrevive ao encontro e se torna um fator importante na modelagem da conduta humana mesmo que não haja mais uma ameaça direta à vida ou à integridade” (2006, p. 9). Essa estrutura mental pode ser melhor descrita como um sentimento de ser suscetível ao perigo, uma sensação de insegurança, reação aos “perigos” que nos rodeiam e que podem se concretizar sem aviso prévio. Também a sensação de vulnerabilidade atormenta o indivíduo, consciente da necessidade de fuga/defesa, caso o perigo se concretize, sendo esse tormento mais dependente da maior ou menor confiança nos recursos próprios de defesa às possíveis ameaças. Nesse sentido, Bauman entende que,

Uma pessoa que tenha interiorizado uma visão de mundo que inclua a insegurança e a vulnerabilidade recorrerá rotineiramente, mesmo na ausência de ameaça genuína, às reações adequadas a um encontro imediato com o perigo; o “medo derivado” adquire a capacidade da autopropulsão (2006, p. 9).

Pode-se afirmar que, a variedade moderna de insegurança é marcada, principalmente, pelo medo da maleficência humana e dos malfeitores humanos. A suspeita de motivos malévolos da parte de determinados indivíduos – ou mesmo grupos ou categorias específicos – desencadeiam a insegurança moderna. Esta é alimentada, frequentemente, também pela recusa em confiar na fidelidade, constância e dedicação do *outro*, “uma recusa que é quase inevitavelmente seguida de nossa indisposição em construir uma camaradagem sólida, durável e portanto confiável” (BAUMAN, 2006, p. 171). Assim, o medo é capaz de impulsionar-se e intensificar-se por si mesmo, adquirindo uma lógica de desenvolvimento própria, dispensando, em muitos casos, estímulos adicionais para crescer e difundir-se: “O medo nos estimula a assumir uma ação defensiva, e isso confere proximidade, tangibilidade e credibilidade às ameaças, genuínas ou supostas, de que ele presumivelmente emana” (Bauman, 2006, p. 173). Na atualidade há um “desacoplamento” entre as ações de defesa inspiradas pelo medo e os temores existenciais que causaram esse medo, neste sentido, ocorre

[...] o deslocamento dos medos, das brechas e fissuras das defesas humanas em que o “destino” é produzido e incubado para áreas da vida amplamente irrelevantes em relação à verdadeira fonte de ansiedade, mas em vez disso – consoladoramente – visíveis e alcançáveis (BAUMAN, 2006, p. 174).

Dessa forma, evidentemente, não importa a quantidade de esforço investida nas áreas para as quais o medo foi deslocado, pois isto não neutralizará ou bloqueará as verdadeiras fontes do medo, tornando a ação impotente para diminuir a ansiedade original.

### **Gigante Rubro: o ódio**

Assim como o Medo é o resíduo e a antecipação da morte, segundo Mira y López, “a Ira é a expressão do protesto vital contra aquele, já que pretende expulsar o mal-estar letal, descarregando-o para o exterior” (1996, p. 73), e complementa o autor: “não se pode sentir a Ira, sem antes haver sentido Medo” (MIRA Y LÓPEZ, 1996, p. 76). Assim, proveniente diretamente do medo, o gigante rubro tem sempre algo do gigante negro em sua origem:

Quando esse enxerto é mínimo, a Ira se nos apresenta em sua mais pura e intensa manifestação: em forma de raiva ou fúria. Quando é máximo, interioriza-se e o Ser adquire a mortal palidez do rancor. Como forma intermediária, achamos a Cólera biliosa, na qual tanto valem o desgosto como o medo rancoroso (MIRA Y LÓPEZ, 1996, p. 78).

A agressividade surge no animal como nova forma de comportamento, na qual a irritabilidade manifesta-se sem causa aparente, “equivale ao que poderíamos denominar conduta imperialista ou invasora do animal em sua periferia ou espaço vital e que, em psicologia, se designa com o qualitativo de agressividade” (MIRA Y LÓPEZ, 1996, p. 74). Já o ser humano possui um traço que o diferencia dos demais animais: querer ser cada vez mais, poder mais. E por ambicionar demais, aspirar demais, o homem torna-se vítima de maiores temores e medos que os demais animais.

Dentre os diversos graus de intensidade da Ira, a “exaltação” é sua forma mais leve de apresentação, e consiste em um suave sentimento que nos prepara para a consecução de nossos objetivos. No segundo grau, surge a fase do “protesto interior”. A intensidade colérica manifesta-se como um sentimento de ofensa, “outras vezes, quando se trata de condutas sociais,

sentimo-nos ‘estranhos’ ou ‘surpreendidos’ por não encontrar o eco, a ajuda ou a compreensão esperada” (MIRA Y LÓPES, 1996, p. 82). No terceiro grau, o protesto interno torna-se “rebelião”, sendo esta o primeiro passo para a conduta ofensiva, marca característica da Ira. O indivíduo sente-se ofendido, mas não se apercebe como ofensor. No quarto grau, a “Ira desenfreada”, que não se detém senão após descarregar uma reação mais violenta e nociva que o motivo do aborrecimento: “necessitamos dar golpes, e, quando não podemos dirigir contra o objeto da Ira, derivamo-los para lugares neutros ou desfechamos no ar, em gestos violentos” (MIRA Y LÓPES, 1996, p. 83). No quinto grau, a “raiva” se apodera por completo da direção da conduta individual. Sob os efeitos da raiva, o indivíduo “não sabe o que faz”, torna-se “expectador dos seus próprios atos, que são impulsionados por forças surgidas inopinadamente de seu interior e que o podem levar até o assassinato” (MIRA Y LÓPES, 1996, p. 83). No sexto e último grau de intensidade da Ira, a “fúria”. O indivíduo perde o controle de seus atos, e também de sua consciência: “é apenas um autômato, uma espécie de projétil humano, capaz de qualquer dilata, atacando não só os possíveis objetos determinantes de sua Ira, como a objetos neutros e a si próprio” (MIRA Y LÓPES, 1996, p. 83).

Para Mira y López, “Nossa civilização, teoricamente, ainda é hostil à Ira, ainda quando, implicitamente, a elogie em determinadas circunstâncias” (1996, p. 84). Normalmente, pessoas ditas “educadas” procuram reprimir manifestações diretas de ira, possibilitando, assim, que esta se manifeste por meio de camuflagens (ou manhas), adotando disfarces diversos. Alguns desses disfarces são bastante conhecidos, enquanto outros são mais perigosos por serem ainda desconhecidos. As formas de camuflagem da Ira são: impulso reivindicativo, crítica, ironia, humorismo, soberba.

O disfarce preferido, e também o mais utilizado para manifestação da Ira é o “impulso reivindicativo”. De maneira geral, pode-se afirmar que o sentimento colérico se disfarça em atitude justiceira: “nossa conduta tende a ‘resolver’ a situação, ‘desfazer o agravo’, ‘revidar a ofensa’, ‘reivindicar nosso direito’” (1996, p. 85). Assim, o impulso agressivo-destruidor utiliza qualquer alteração aparente da conduta alheia para manifestar-se, disfarçando seus atos de agressão sob o pretexto de defender a “justiça”.

A “crítica” é outra camuflagem da Ira. Embora não seja possível afirmar que toda crítica contenha, em germe ou em desenvolvimento, um ato de ira, ao realizar uma crítica, o indivíduo está fazendo uma afirmação decisiva, com pretensões de inapelabilidade. Deduz-se que o crítico assume o papel de juiz, ou seja, aquele que decide sobre algo, ou alguém: “a atitude de crítica sistemática não é somente uma atitude iracunda, apenas dissimulada, mas, antes de tudo, uma atitude tânica, ou seja, uma atitude pré-mortal” (1996, p. 88).

A Ira também se camufla através da “ironia”. O irônico concretiza seus impulsos tânicos de maneira covarde, ocultando a ofensa direta: “Esta covardia é o que explica que a ironia se exerça também, especialmente, na ausência do objeto ou servindo-se de objetos abstratos, quer dizer, que não podem replicar fisicamente” (1996, p. 88-89).

Ao se camuflar de “humorista”, o indivíduo ataca aquilo que odeia, e não o que estima. Faz graça por ira e, também, por impotência. O humorista se lança contra tudo que é sério, respeitável ou temível, buscando ridicularizá-los até provocar o riso.

Outra camuflagem da Ira, a “soberba” às vezes é confundida com o orgulho. O soberbo despreza quem o contempla, e com seus gestos altaneiros, porte provocativo e atitude depreciativa manifesta constante agressão prévia ao outro e ao ambiente. Supõe-se vulnerável e rodeado de invejosos, que existem somente na sua imaginação.

### **Medo e ódio no blog do colunista da revista Veja**

Em 22 de outubro de 2014 (às 13h45min h), foi publicado no blog “Rodrigo Constantino – Análises de um liberal sem medo da polêmica” da revista *Veja*<sup>6</sup> o texto intitulado: “Em ao menos um aspecto o PT já conseguiu nos transformar na Venezuela”. O texto possui 1.069 palavras num total de 6.314 caracteres (com espaços) distribuídos em 16 parágrafos, e é assinado pelo economista e colunista da revista, Rodrigo Constantino.

O texto traz uma imagem<sup>7</sup> exibindo o desenho de um braço vermelho

<sup>6</sup> Disponível no site da revista: <<http://veja.abril.com.br/blog/rodrigo-constantino/corruptao/em-ao-menos-um-aspecto-o-pt-ja-conseguiu-nos-transformar-na-venezuela/>>

<sup>7</sup> A imagem situa-se logo abaixo do título do texto – tamanho: 5,92 centímetros de largura por 5,94 centímetros de altura – e pode ser acessada em: <<http://veja.abril.com.br/blog/rodrigo-constantino/files/2014/10/Brasil-x-Comunismo.jpg>>

com uma estrela – logomarca do Partido dos Trabalhadores (PT) – tatuada no dorso da mão, empunhando um punhal, e outro braço, verde, adornado com a bandeira do Brasil no pulso, segurando firmemente o braço vermelho. A leitura da imagem remete ao campo simbólico e permite uma interpretação direta: o braço comunista-petista pronta para desferir um golpe de punhal sendo contido pelo braço “brasileiro”. A emoção primária estimulada por esta imagem: o medo da morte violenta.

Nos primeiros parágrafos, Constantino refere-se à Venezuela, Argentina e Brasil, como países que estão trilhando um caminho rumo ao bolivarianismo. Tanto Venezuela como Argentina, continua, apresentam elevados índices de inflação anual, bem superiores ao índice apresentado pelo Brasil, porém, afirma: “Se o PT tiver mais quatro anos no poder, podem ficar tranquilos que ele chegará lá”. Com relação ao controle da imprensa, afirma que os vizinhos estão em “estágio mais avançado” que o Brasil, sendo que a Venezuela “já é quase uma Cuba”, pois “não há mais liberdade alguma, jornais foram fechados, jornalistas foram perseguidos, e políticos de oposição foram presos”. Se ainda não estamos como nossos vizinhos “camaradas” – Ira camuflada de humorismo –, aqui o colunista justifica o título do texto: “ao menos um aspecto o PT já conseguiu nos transformar na Venezuela: somos, hoje, um país dividido ao meio, completamente segregado, com um clima de antagonismo” e ironiza, utilizando frase constantemente empregada pelo ex-presidente Lula: “nunca antes visto na história deste país” – Ira camuflada de ironia.

Na sequência, Constantino se refere à disputa eleitoral, não escondendo sua preferência política. Utiliza uma frase atribuída ao ministro Paulo Bernardo, na qual este solicita um “discurso de conciliação” ao vencedor do pleito, para atacar o PT e “a estratégia abjeta do marqueteiro João Santana” – Ira camuflada de crítica. Ataca também o Instituto de Pesquisa Datafolha, que divulgou pesquisa apontando que, para os eleitores, Aécio Neves estava sendo mais agressivo do que Dilma Rousseff no segundo turno<sup>8</sup>. Os jornalistas são acusados

---

<sup>8</sup> Constantino refere-se à pesquisa do Instituto de Pesquisa Datafolha divulgada no mesmo dia em que “postou” seu texto no blog. De acordo com levantamento feito pelo Instituto de Pesquisa Datafolha, a maioria dos eleitores (71%) rejeita a agressividade na campanha eleitoral, enquanto 27% avaliam que a agressividade faz parte da disputa e é natural. Entre os mais jovens, o percentual dos que acreditam que a postura agressiva em campanhas eleitorais é natural e ainda maior, 32%. Na opinião de 63% dos entrevistados, os candidatos que disputam o 2º turno da campanha presidencial estão sendo muito agressivos, e 29% avaliam que estão sendo um pouco

de “neutralidade infiel aos fatos”, e que por isso, “prestam enorme desserviço à verdade, à justiça e ao país” – Ira camuflada de impulso reivindicativo. Em outro ataque direto, afirma: “o PT não tem adversários; tem inimigos mortais que precisam ser eliminados”, evocando a morte, estímulo primário da manifestação de medo.

Retomando a ideia principal do texto, o colunista acusa o PT de utilizar a tática de dividir para conquistar, jogando “trabalhador contra empresário, a mulher contra o homem, o gay contra o homossexual, o negro contra o branco, o pobre contra o rico, o ‘povo’ contra a ‘elite’”. Para Constantino, o país está rachado, de um lado “alienados, ignorantes e cúmplices do butim” e de outro “os brasileiros decentes que não aguentam mais pagar a conta”. Numa contradição ao próprio discurso, Constantino exalta a revolta dos que tem “cérebro para pensar e dignidade”, justificando também a agressividade destes: “Reagiram, pois para tudo há limites”.

Na parte final do texto, o autor refere-se diretamente ao pleito (faltavam apenas seis dias para as eleições), reforçando a questão principal do texto: a divisão do país. Reafirma o medo da perda da liberdade e do caos na economia, caso o PT vencesse a eleição. Estimula o voto no tucano (Aécio Neves) que teria uma “agenda de reformas necessárias”. Adverte, ainda, que caso a “onda azul” vencesse, haveria provável reação agressiva de “minorias barulhentas, como o MST de Stédile”. Porém, se Dilma Rousseff vencesse, o “agravamento das fissuras” seria inevitável, e o autor reforça o medo da divisão social e da violência. Constantino coloca em suspeita o próprio processo eleitoral que, para ele, já estava “totalmente sujo pelos golpes baixos do PT”. O autor ainda justifica o rompimento com as pessoas que “endossam a podridão” e a “indecência dos petistas” questionando: “Como respeitar quem não se dá ao respeito?”.

O texto encerra com mais previsões pessimistas, caso o PT saísse vitorioso da eleição: “economia entrará em grave crise”; e o PT aprofundará ações autoritárias, seguindo os vizinhos bolivarianos, para tanto irá: “intensificar a perseguição aos ‘inimigos’, tentar calar o mensageiro (a imprensa), manipular

---

agressivos. Os entrevistados também foram questionados sobre estava sendo mais agressivo no segundo turno, 36% apontaram Aécio Neves e 24%, Dilma Rousseff, sendo que 32% consideravam que os dois estavam sendo agressivos. Disponível em: <<http://datafolha.folha.uol.com.br/eleicoes/2014/10/1536305-com-47-dilma-esta-empatada-com-aecio-que-tem-a-preferencia-de-43.shtml>>

os dados oficiais (o que já acontece), etc.”. A frase final, um misto de esperança e medo, encerra o texto: “Que os brasileiros possam deixar essa cizânia para trás e superar o lulopetismo, pelo bem de nossos filhos e netos!”

Durante a exposição de seus argumentos, Constantino nomeia seus “alvos” – o *outro* – com os quais estabelece uma relação discursiva de medo e agressão. Dessa forma, cita o termo “PT” quinze vezes; “petista” seis vezes; “Lula” seis vezes, “Dilma” cinco vezes; e “bolivariano” três vezes. No texto existem inúmeras sequências discursivas com estímulos e situações de medo: medo do bolivarianismo/comunismo; da morte violenta; da divisão social, da revolução; do desemprego; da inflação, da crise econômica; da censura à imprensa; do autoritarismo e perda da liberdade; da manipulação de dados oficiais. O texto também exhibe sequências discursivas que remetem à dúvida/suspeita: contra o processo eleitoral; contra Institutos de Pesquisas; contra jornalistas “neutros”.

### **Comentários dos leitores: manifestações de ódio**

A Internet dinamizou a interação entre os meios de comunicação e seus públicos, possibilitando a interação quase imediata com os leitores-seguidores através das ferramentas de comentários de notícias. Ao se expressar em um blog ou site de notícias, muitas vezes sem nenhum tipo filtro, o indivíduo adquire o poder de opinar sobre qualquer coisa e expressar o que sente sem nenhum limite. Forma de expressão inquestionável, o comentário não precisa ser uma verdade, pois o mais importante é convencer os pares, e angariar apoio na rede. Nesse sentido, Chaia e Brugnago afirmam, “Se a rede apoia quem comentou, as provas e fundamentos contrários se tornam irrelevantes” (2014, p. 123). Qualquer comentário contrário poderá ser refutado de maneira agressiva pelos que se apoiam mutuamente.

Naturalmente, esse comportamento cria filtros ideológicos dinâmicos direcionando as manifestações dos seguidores do blog de notícias. Assim, o *outro*, aquele de ideologia diferente é afastado. Cria-se a falsa impressão de que a maioria está reunida, pois somente seus interlocutores se manifestam, expressando a mesma “verdade”. A imagem do *outro* enfraquece, ou mesmo desaparece.

Com a ação política deslocada para o mundo virtual, as exigências sociais são reduzidas, e as pessoas, em um mundo ampliado de

conexões, passam a ser agrupadas pelos seus interesses no mundo virtual. O mundo das relações pessoais pode permanecer com as ideologias escondidas. As pessoas podem deixar sua agressividade exposta somente no mundo virtual e escondida dos outros no dia a dia. Nesse caso, a radicalização se torna convidativa. Os limites da radicalização são elevados pela rede, ao permitir uma libertação da moral conhecida publicamente como agressiva (CHAIA E BRUGNANO, 2014, p. 123).

O indivíduo, imerso num contexto fragmentado, de isolamento em relação a maioria dos iguais, sente-se privado de laços estáveis e busca superar a angústia da dúvida aderindo de modo não crítico às opiniões majoritárias. Uma opção ao enfrentamento contínuo da dúvida e da angústia permanente, oferecendo a sensação de pertencimento à comunidade mais ampla e, reduzindo o isolamento e a pressão moral sobre a razão individual.

O Blog de Rodrigo Constantino permite interação com o público através da ferramenta “comentários”. Foram coletados todos os 170 comentários postados no texto analisado neste trabalho<sup>9</sup>. Constata-se que, o primeiro comentário foi postado seis minutos após o texto, sendo que 65% dos 170 comentários foram postados ainda no dia 22 de outubro. Esse imediatismo é uma característica (necessidade) das transformações sociais causadas pela Internet, “As pessoas querem ser as primeiras a saber o que aconteceu e as primeiras a compartilhar uma notícia importante” (CHAIA E BRUGNANO, 2014, p. 124).

Os comentários foram tabulados e analisados sob dois aspectos: a intensidade da agressividade; e a identificação do *outro*, alvo da agressividade. Para tanto, foram criadas quatro categorias utilizando os “graus de intensidade da Ira” descritos por Mira y López (1996): indignado; ofensivo; agressivo; ódio. Os comentários foram classificados e, após a tabulação, obteve-se os seguintes resultados: 35,5% (60) indignados; 47,3% (80) ofensivos; 13,6% (23) agressivos; 4,1% (7) ódio.

A segunda análise considerou os potenciais culpados, sobre os quais recaiu a ira coletiva expressa nos comentários. Em cada comentário foi identificado o *outro*, alvo da agressividade. Após a tabulação, foi possível identificar os alvos da agressividade em 117 comentários: Lula é alvo em 13,7% (16 comentários); Dilma 16,2% (19); PT 37,6% (44); “petista” 11,1% (13); comunismo 1,6% (3); bolivarianismo 0,9% (1); outros 17,9 (21).

<sup>9</sup> Até o dia 18/07/2015 constavam os mesmos 170 comentários.

### Medo do outro

Sempre que se vê ameaçada, uma população procura uma explicação para sua desventura, “Encontrar causas de um mal é recriar um quadro tranquilizador, reconstituir uma coerência da qual sairá logicamente a indicação de remédios” (DELUMEAU, 2009, p. 201). Acusar outrem é o primeiro movimento e também o mais natural nessas situações, “Nomear culpados era reconduzir o inexplicável a um processo compreensível” (DELUMEAU, 2009, p. 204). Os potenciais culpados, sobre os quais recai a agressividade coletiva são: os estrangeiros, os marginais e aqueles que não estão a uma comunidade, suspeitos simplesmente por procederem de outros lugares, expondo a desconfiança em relação ao *outro*; indivíduos no interior da própria comunidade que tenham comportamento diferente da maioria, despertando a caça às bruxas que, em muitos casos, extrapola, escapando a todo controle. O *outro* desperta desconfiança, pois pertence a um universo diferente. Quando o indivíduo se vê ameaçado – ou se crê ameaçado –, portanto, quando sente medo, tem a tendência a ver inimigos por todos os lados, principalmente entre aqueles que são diferentes, que pensa diferente. Manifesta-se, então, o medo do outro, para Delumeau, “A raiz disso se encontra na tensão provocada entre pessoas que não se conhecem, ou que se conhecem mal, que vêm de fora, que não se parecem conosco e que, sobretudo, não vivem da mesma maneira que vivemos” (2007, p. 45-46).

O termos do discurso do medo, utilizados pelo colunista da revista *Veja*: “cizânia”, “país dividido”, “clima de antagonismo” remetem ao temor das massas, da luta de classes. Para Marilena Chauí, “O medo ao humano, sob os efeitos da divisão social e política, cria na imaginação política dos dominados o medo ao governante e, neste, o medo à plebe” (2009, p. 67). Nas classes dominadas predomina o medo dos castigos e suplícios infligidos aos dissidentes, bem como a perda de favores e recompensas que são ofertadas aos coniventes e submissos. Já nas classes dominantes também há medo: medo da revolta, da desobediência, de perder o poder e prestígio e, principalmente, medo dos iguais que possam rivalizar com elas, ser mais persuasiva e convincente tomando-lhe o lugar.

Além das apreensões oriundas das profundezas do indivíduo, como medo da morte motivado por perigos concretos, como enchente, terremotos, epidemias, deve-se considerar, também, os medos chamados “culturais”. Estes invadem tanto indivíduos como coletividades, fragilizando-os.

A instabilidade estrutural, característica da sociedade contemporânea, se revela na transformação incessante das bases de sustentação da riqueza e do *status* social, provoca insegurança e incertezas e alimenta o medo: “do isolamento em relação à maioria dos iguais” e “da instabilidade social, em particular o da perda de posição social e de status dos indivíduos em relação aos seus semelhantes” (JASMIN, 2007, p. 129-130).

### **Mídia e a espetacularização da política**

Na sociedade contemporânea, o conhecimento constitui-se, preferencialmente, a partir da recepção das formas simbólicas veiculadas pela mídia. A prevalência das tecnologias de comunicação e a facilidade de acesso à informação afetam a vida no espaço público, conferindo cada vez mais importância à mídia. Para Vera Chaia,

A mídia deve ser analisada nesta diversidade de possibilidades: informando e formando a opinião pública. As representações construídas pela mídia tornaram-se fundamentais nas experiências individuais e sociais na contemporaneidade (2004a, p. 23).

Além disso, o significado das informações que circulam através da mídia precisa ser avaliado, pois, se por um lado a presença intensa da mídia na vida das pessoas favorece o acúmulo de informações, ampliando as possibilidades simbólicas dos indivíduos e favorecendo a reflexão, por outro, “pode trazer consequências negativas ao introduzir mensagens ideológicas” (CHAIA, 2004a, p. 22-23).

Em relação ao medo coletivo, talvez esta seja a manifestação mais importante para explicar a relação “mídia e medo”, pois o que é veiculado no discurso da mídia pode influenciar a coletividade, ou parte dessa. O rumor<sup>10</sup> propagado pela mídia tende a aumentar a sensação de insegurança, favorecendo comportamentos agressivos que escapam ao controle crítico: “Quanto mais intenso for o medo coletivo, mais se estará inclinado a acreditar em vastas conjurações apoiadas em ramificações adversas” (DELUMEAU, 2009, p. 272). Dessa forma, no plano coletivo é possível evidenciar o mesmo comportamento verificado no plano individual: o elo entre angústia e medo de um lado e

<sup>10</sup> De acordo com Delumeau, “Um rumor nasce, portanto, sobre um prévio de inquietações acumuladas e resulta de uma preparação mental criada pela convergência de várias ameaças ou de diversos infortúnios que somam seus efeitos” (2009: 269).

agressividade de outro.

O sistema político pode fabricar e produzir o medo para estimular a obediência dos cidadãos. Da mesma maneira, o discurso do medo pode ser apropriado por determinados veículos midiáticos – durante as campanhas eleitorais – com o objetivo de persuadir o eleitor a votar em determinado candidato e rejeitar outro. É nesse sentido, entende Chaia, que se deve analisar a mídia,

[...]enquanto produtora de conhecimento e geradora de construções especiais que trabalham com a ideia do medo e constroem representações sociais que estimulam esse sentimento, seja na programação diária, seja nos telejornais e no tipo de cobertura jornalística realizada por esses meios (CHAIA, 2004b, p. 31).

De acordo com Debord<sup>11</sup>, no plano das técnicas, a imagem “construída” pode se tornar a principal ligação do indivíduo com o mundo real, que ele vivenciava por si mesmo, interagindo com as situações que defrontava em qualquer lugar que pudesse ir. Na sociedade espetacular não há mais espaço para vivermos nossas próprias experiências, são os modelos que vivem em nosso lugar: “tudo o que era vivido diretamente torna-se uma representação” (2004, p. 13). O frenético fluxo de imagens produzido e continuamente repetido pelos meios de comunicação se encarrega de inverter, na mente dos indivíduos, o vivido pela imagem. Esse ritmo acelerado faz com que tudo se manifeste como perpétua surpresa arbitrária, deixando pouco ou nenhum tempo para a reflexão. Sem refletir, o indivíduo torna-se “espectador da vida”, não consegue pensar ou entender seus atos.

Nesse contexto, vale ressaltar que a mídia brasileira possui uma parcela de responsabilidade nada desprezível na construção de narrativas que “explicam” os fatos do mundo e a transformação da sociedade e, portanto, na elaboração de percepções e consensos sobre a política. O olhar propagado pela mídia nada tem em comum com a experiência própria do indivíduo, pois exhibe um mundo ideal enquanto oblitera referenciais de espaço e tempo, essenciais à percepção do homem como ser histórico. Para Debord,

<sup>11</sup> Os fundamentos da crítica de Debord são a vida cotidiana e a generalização do fetichismo da mercadoria, que invadiu todos os espaços da vida em sociedade. A mercantilização de tudo produz o espetáculo ininterrupto. Nele, o tempo, o espaço, o lazer, a comunicação, a cultura e tudo o mais é perpassado pela alienação. Para Debord, “O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens” (2004: 14).

A ideologia é a *base* do pensamento de uma sociedade de classes, no curso conflitante da história. Os fatos ideológicos nunca foram simples quimeras, mas a consciência deformada das realidades, e, como tais, fatores reais que exercem uma real ação deformante; tanto mais que a *materialização* da ideologia provocada pelo êxito concreto da produção econômica autonomizada, na forma do espetáculo, praticamente confunde com a realidade social uma ideologia que conseguiu recortar todo o real de acordo com seu modelo (2004, p. 137).

Dessa forma, o comentário expõe o posicionamento do comentarista, materializando a formação ideológica dominante. O consumo de informação cede lugar ao consumo de ideologias. Nesse sentido, as sequências discursivas extraídas do blog, apresentadas neste trabalho, devem ser entendidas como exemplos da cultura política brasileira – ainda permeada por traços de autoritarismo e clientelismo –, servindo de estímulo para a discussão sobre a espetacularização do discurso do medo e do ódio nas campanhas eleitorais.

### Considerações finais

A dinâmica eleitoral brasileira favorece o estabelecimento de um debate político esvaziado de conteúdo e espetacularizado na forma. Durante as campanhas eleitorais, principalmente para cargos majoritários, os candidatos lançam acusações – sem compromisso com a comprovação – contra seus adversários, repercutindo na mídia toda sorte de agressão. Não raro, como no caso analisado, a própria mídia propaga sua “opinião”, revelando um discurso agressivo e utilizando padrões de manipulação com apropriações do discurso do medo. Essa multiplicidade de vozes, acirramento de interesses nem sempre claros ao eleitor, e utilização de imagens que estimulam as “paixões” humanas contribuem para a despolitização da disputa eleitoral.

A mídia, como produtora de informações, coloca-se como fonte geradora de sistemas de representação da realidade, utilizada para compreender a sociedade. Nesse sentido, num contexto democrático a mídia adquire enorme poder como ator estruturador do campo simbólico, ganhando relevância no âmbito das conjunturas políticas, especialmente, nas disputas eleitorais.

Concluiu-se que, o discurso do medo presente no texto analisado possui íntima ligação com as manifestações de ódio político postadas no blog. Esse ódio induzido/propagado por setores da mídia e os comentários agressivos dos leitores revelam o outro lado da chamada “cordialidade” do brasileiro – proposta por Sérgio Buarque de Holanda – expondo um comportamento político agressivo em larga escala, incomum na recente história democrática do país. Nesse sentido, radicaliza-se o discurso político, espetacularizando o debate político eleitoral.

## Referências

- BAUMAN, Z. *Medo líquido*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- BRANDÃO, H. H. N. *Introdução à análise do discurso*. 2ª. ed., São Paulo: Unicamp, 2004.
- CHAIÁ, V. e BRUGNAGO, F. A nova polarização política nas eleições de 2014: radicalização ideológica da direita no mundo contemporâneo do Facebook. *Aurora*. v.7, n. 21, pp. 99-129, out/2014 a jan/2015.
- \_\_\_\_\_. Eleições no Brasil: o medo como estratégia política. In: RUBIM, A. A. C. *Eleições presidenciais em 2002 no Brasil*, São Paulo: Hacker, 2004a.
- \_\_\_\_\_. *Jornalismo e política: escândalos e relações de poder na câmara municipal de São Paulo*. São Paulo: Hacker, 2004b.
- CHAUÍ, M. Sobre o medo. In: NOVAES, Adauto (Org). *Os sentidos da paixão*. São Paulo: Companhia das Letras, p. 35-75, 2009.
- CHARAUDEAU, P. *Discurso político*. Tradução de Dilson Ferreira da Cruz e Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2011.
- CICERI, M. R. *O medo*. São Paulo: Paulinas, 2004.
- CONSTANTINO, R. Em ao menos um aspecto o PT já conseguiu nos transformar na Venezuela. Veja. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/blog/rodrigo-constantino/corruptao/em-ao-menos-um-aspecto-o-pt-ja-conseguiu-nos-transformar-na-venezuela/comment-page-4/#comments>. Acessado em: 21 de julho de 2015.
- DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo*. 1ª. ed. 5ª. reimpr. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.
- DELUMEAU, J. Medos de ontem e de hoje. In: NOVAES, A. (Org). *Ensaio sobre o medo*. São Paulo: Senac, 2007, p. 39-52.
- \_\_\_\_\_. *História do medo no ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- FIORIN, J. L. *O regime de 1964: discurso e ideologia*. São Paulo, Atual, 1998.
- JASMIN, M. O despotismo democrático, sem medo e sem Oriente. In: NOVAES, A. (Org). *Ensaio sobre o medo*. São Paulo: Senac, 2007, p. 111-133.
- KEHL, M. R. Elogio do medo. In: NOVAES, A. (Org). *Ensaio sobre o medo*. São Paulo: Senac, 2007, p. 89-110.
- MIRA y López, E. *Quatro gigantes da alma*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996.
- NOVAES, A. Políticas do medo. In: NOVAES, A. (Org). *Ensaio sobre o medo*. São Paulo: SENAC, 2007.
- ORLANDI, E. P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 9ª. ed. Campinas: Pontes Editores, 2010.